



III EBE | III ENCONTRO BAIANO DE CULT | ESTUDOS EM CULTURA



TRANÇANDO ASPECTOS LÚDICO-ESTÉTICOS POR UMA EPISTEMOLOGIA AFRICANO-BRASILEIRA NA EDUCAÇÃO: RAP E CORDEL PELA PO-ÉTICA DO SER

Sérgio Ricardo Santos da Silva
Mille Caroline Rodrigues Fernandes
Mestrandos do Programa de Pós Graduação em Educação e Contemporaneidade UNEB –
PPGEduc / UNEB
sergiobahialista@hotmail.com
millecaroline@hotmail.com

*Eu disse que a liberdade / É bem como é a vida
Tentar tirá-la do homem / É uma coisa descabida / Não se pode cerceá -la,
Impedi-la, sufocá-la / O homem por ela briga*
Antonio Viera

Cordelista de Santo Amaro da Purificação- Cordel Remoçado

RESUMO

Uma reflexão que busca tecer novas elaborações a respeito dos aspectos e representações da História e Cultura Africana, apelando para a linguagem poética que enalteça e levante uma nova epistemologia africano-brasileira. Propomos assim um diálogo com a obra *Tornar-se Negro*, de Neuza Santos Souza e com poéticas contemporâneas do Rap e do Cordel que propõem novos horizontes, que repensam a produção de conhecimentos, buscando inaugurar novas formas de entrelaçar a Pluralidade Cultural na Educação.

Palavras-chave: Educação – Saberes – Comunalidades

COMEÇANDO O TEAR

Iniciar uma reflexão a partir de um novo tear epistemológico africano-brasileiro nos remete ao mundo simbólico da poética do ser. É esta poética que rege muitas elaborações de mundo, estéticas e forças pulsantes do ser mais ser. E buscar entender seu universo é condição mais que indispensável, pois “a dinâmica de expansão existencial das diversas contemporaneidades” (LUZ, 1999. p 1) configura força, pulsão de agregação, sensibilidade e respeito à alteridade.

Assim, pretende-se aqui desencadear um desabafo, uma reflexão acerca dos valores e princípios que preparem uma nova forma de anunciar novas configurações de mundo dos educandos. Este objetivo será perseguido durante o entrelaçamento de saberes de diversos autores estudados durante nossa caminhada como pesquisador junto às linguagens lúdico-estéticas do Cordel e do Rap – linguagens as quais sempre fizeram parte do nosso tear na Educação -, buscando pensar esta nova configuração de mundo contemporâneo que apresenta

novos horizontes, algumas incertezas e desafios para toda a humanidade. Contribuições essas que são de extrema importância para educadores do século XXI.

Como o entrelaçar é feito de idas e vindas, de trançados coloridos que compõem a pluralidade de texturas, dando espaço para que cada cor tenha seu brilho valorizado, o Ilê Aiyê, importante grupo cultural baiano de afirmação da cultura negra, cantou a música “Coisa de negro, coisa de negão”, que enaltece tudo que vem da cultura africana que compõem a sua força e beleza. Esta música nos provocou certa vontade de questionar como que, após mais de 30 anos, o processo de pensar o negro na sociedade é desencadeado na perspectiva das “coisas de Nego, coisas de Negão”¹ existentes nas diversas formas de *ser/estar com* (MAFFESOLI, 2007).

Esta busca por novas noções a respeito da elaboração e construção de uma epistemologia africano-brasileira que inaugure novas formas de pensar nos levou ao encontro com o livro *Tornar-se Negro*, de Neuza Santos Souza. Confesso que o encontro com esta obra foi doloroso e impactante, por se tratar de:

...um olhar que se detém, particularmente, sobre a experiência emocional do negro que, vivendo nessa sociedade, responde positivamente ao apelo da ascensão social, o que implica na decisiva conquista de valores, status e prerrogativas brancos. (SOUZA, 1983. p. 17)

Responder positivamente ao apelo da ascensão social, como diz Souza, implica em se sujeitar a um doloroso processo de mergulho em modelos externos, sedutores, advindos da elaboração do mundo branco, ideais produzidos a partir do jogo das aparências, que recalcam aspectos comuns dos valores africanos.

No processo de análise desta questão, junto com Neuza Santos Souza, *Tornar-se Negro* ganha novas significações a partir de entrelaçamentos com novas formas de afirmação do ser negro, que transbordam de diversas linguagens artísticas, as quais apelam para a expressão “estética-encantada” da Arte. Uma delas é o Rap, este canto falado que vem dos tempos de África Bambaataa², de ressignificações que vão compondo uma voz ativa, reação afirmativa ao legado africano e contestação social. A outra é a Literatura de Cordel, essa voz sertaneja que

¹ Ressaltamos que, utilizar o termo “Nego” e “Negão” está longe de uma abordagem pejorativa, por se tratar de uma expressão vinda de interações das comunalidades de matriz africana, ou seja, formas de se relacionar que não tem a intervenção do pensamento branco de associar alguns termos a tudo que é de ruim. Assim, “Nego” e “Negão” torna-se uma referência de valorização.

² Afrika Bambaataa é o pseudônimo de Kevin Donovan (Bronx, Nova York, 10 de abril de 1960) é um DJ estado-unidense e líder da Zulu Nation, reconhecido como fundador oficial do Hip Hop. Usando sons, que iam desde James Brown (o mestre da Soul Music) até o som eletrônico da música “Trans-Europe Express” (da banda européia Kraftwerk), e misturando ao canto falado trazido pelo DJ jamaicano Kool Herc, Bambaataa criou a música “Planet Rock”, que hoje é um clássico. (<http://www.noticiario-periferico.com/2007/10/biografia-da-semana-sobre-uma-das.html>. Acesso em 28/08/2011)

vem na bagagem cultural dos Europeus, mas aqui ganha sangue novo no entrelaçamento com as contribuições das matrizes Africana e Indígena.

TRANÇANDO SABERES E POSTURAS ATRAVÉS DA VIAGEM PO-ÉTICA

Um dos raps que trazemos para enriquecer cada vez mais esse trançar novas epistemologias africano-brasileira é o rap da banda baiana que fizemos parte no período 2001-2007, a *Simples Rap*³. O rap em questão chama-se “Quadro Negro”, no qual a banda faz uma RE-ação afirmativa às ações afirmativas implementadas pelas universidades públicas, principalmente às políticas de implementação das Cotas para Afro descendentes.

Nesta música, o autor Jorge Hilton traz, a partir da sua contemporaneidade, contribuições que corroboram com as inquietações e análises de Neuza Souza Santos, no seu livro *Tornar-se Negro*. Entretanto, o que mais chama a nossa atenção para esta reflexão, neste esforço em apresentar outras formas de contribuições para construção de novos saberes, é o fato de esta música fazer um apanhado de todo aparato social que apequena, limita o negro à “hegemonia dos interesses dominantes, viabilizada pela eficácia dos mecanismos ideológicos, cuja garantia, a nível psíquico, é assegurada por certas articulações estruturais.” (SOUZA, 1983: 32).

Podemos ver um pouco desta maestria poética do canto falado-rimado que vem de re-elaborações a partir do legado africano, no trecho descrito abaixo:

“Acordei de um longo sono, a intensa luz quase me cega / É preciso revelar o que se nega / Se a vida é uma escola toda escola tem seu quadro, / Quadro negro, formato quadrado.

Nele reescrevo a minha história, faço um diário / Na minha lista negra só tem revolucionário.

Marias guerreiras das periferias cê tem que ver / Os guerreiros do passado e os atuais do MST

Todos os homossexuais que resistem com dignidade / Crioulos e crioulas que adentram nas faculdades / **Se o escuro é feio minha poesia é imunda / Das nuvens mais negras cai água límpida e fecunda.** / E por falar em água, me vem na lembrança / O **quadro negro** na verdade tem a cor da esperança. / Que caia um temporal sem pedir licença / E faça desabar essas

velhas crenças. / **Visões estúpidas, espalhadas pelo mundo / Que associou a cor preta a tudo que é imundo. / O negro discrimina o próprio negro sim / Se aquele que apontas como negro não se acha assim. / Cresceu aprendendo que ser negro é feio, / Se é tudo de ruim quem é que quer andar no meio? / Quem escreveu a história do negro nesse país?**

Basta ver a cor do giz. / Os Reis Faraós do Egito hoje mumificados / Se tirassem suas faixas pudessem ser ressuscitados / Saberá dizer a cor da pele deles sem engano? / Quer uma pista: Egito é um país africano. / Não adianta sabermos que não existe raça. / Se o conceito predomina e representa ameaça / O hip-hop não nega a

³ A “Simples”, como é carinhosamente chamada pelos fãs, surgiu em 1994, sendo um dos pioneiros do Hip-Hop baiano, tendo como atuação através de banda com instrumentos “clássicos” como violino, violão, dialogando com instrumentos afro-brasileiros, como atabaque e berimbau. Hoje trabalha com DJ e dois Mc’s (Mestres de Cerimônia), além de muita irreverência e posturas impactantes no palco e movimento Hip-Hop.

mestiçagem, porém / Sabe que ela não trouxe igualdade pra ninguém” (HILTON, 2005)⁴

Nos trechos grifados por nós, destacam-se muitas relações com as análises de Souza (1983), mesmo passados 22 anos da escrita do livro *Tornar-se Negro*. Isso mostra o quanto é viva e pulsante a lógica racista que recalca valores dos *continuuns* civilizatórios africanos, ganhando novas formas de dominação. O Rap consegue, através da dinâmica de jogo poético-estético, contornar a noção de “negro=feio” com maestria, se apropriando do discurso hegemônico, para “minar” a totalidade do mesmo e construir sua forma poética transgressora. A “Simples” busca somar, apontar caminhos necessários para repensar este mundo que recalca o *irreprimível viver* (MAFFESOLI, 2005).

O Professor Henrique Cunha Junior (2010) nos traz uma profunda reflexão que complementa nosso tecer, nossa abordagem e reflexão, fazendo com que - como versa o dito popular – “*engrosse o caldo*”. O mesmo diz sobre a classe privilegiada que nega a existência de racismo, discurso o qual, um tal professor da Faculdade de Medicina da Bahia lançou mão:

No Brasil muitas pessoas negam a existência de racismo contra a população negra, primeiro por serem pessoas que se beneficiam deste racismo. Portanto, tem as suas conveniências e negar a sua existência é uma maneira de disfarçar os propósitos de manter a população negra numa situação subalterna. (JUNIOR, 2010: 08)

E ainda completa esta reflexão com outro trecho da sua fala:

As ideias permitem a prática da produção de uma hierarquia social, na qual nada produzido pela população negra parece ter importância, tudo que é produzido pela população branca é bom e necessário. Na história do Brasil o acerto tecnológico transmitido pelas populações negras ao país não aparece. (JUNIOR, 2010: 10)

Continuando a “viagem po-ética” que tece, trança e entrelaça estéticas de enaltecimento e afirmação de um legado africano-brasileiro, além de contestação em relação à *eficácia dos mecanismos ideológicos* (SOUZA, 1983), traremos aqui mais uma música da Simples Rap`ortagem, na qual o autor Jorge Hilton, mais uma vez, levanta a questão explorada nesta abordagem.

Há uns 03 anos, um professor da Faculdade de Medicina da UFBA declarou, em uma entrevista, que o baiano era um ser humano de pouca inteligência, pois, para este professor, tocar Berimbau é tarefa para “sujeitos que tem poucos neurônios”, logo, para quem tem ”pouca inteligência”. Em resposta ao tal “professor”, Jorge Hilton escreveu seu rap dialogando com as declarações do tal médico e dando as *Respostas* a ele:

⁴ Grifos nossos.

Ora, ora: o médico mais inteligente / É o que corta com cinco bisturis / Prescreve com três canetas / E fala uma “merda” que vale por dez.

Médico: “*De maneira que tem alguma coisa errada*”

Simples Rap`ortagem: Coloque um instrumento africano em sua tabuada / Com vinte e uma cordas agora é coisa sofisticada / Vamos ver se você mata a charada.

Médico: “*Porque que aqui se desenvolve tanta percussão?*”

Simples Rap`ortagem: É o poder da diversificação. / Outros irmãos criaram o Blues, o Jazz, outra nação. / Inspiração queriam levar, entrando em ação.

Médico: “*Essas demonstrações culturais...*”

Simples Rap`ortagem: É real, é cultural, se distancia da paz / Esse mal é um câncer extremamente eficaz / Por trás, é sempre que o estrago se faz

Médico: “*Uma escola de barulho, de zuada*”

Simples Rap`ortagem: Se a balança da Justiça está enferrujada / Prefiro a zoadá que pulsa e dança na caminhada / Ao silêncio conivente de uma mente limitada.

Médico: “*Ninguém daquele grupo tocava uma sinfonia*”

Simples Rap`ortagem: Juro que queria que bastasse / Esquecer a doença, que ela sumiria / Desapareceria e a inocência venceria, / Mas a cura cada vez mais se distancia.

O Passado não passa, é presente ameaça / Em diferentes categorias se disfarça.

Sinfonia, como Monteiro Lobato tocou. / Quem diria, a teoria se sofisticou.

Se leitura ajuda a superar o abismo / Recomendo Ensaio sobre a Cegueira do Racismo.

Médico: “*Uma contaminação pelas cotas...*”.

Simples Rap`ortagem: Diagnóstico errado, remédio é adequado / Realizado o exame sendo constatado. / Operação paliativa de superação do passado.

Médico: “*O que eu posso dizer é que há uma inferioridade*”

Simples Rap`ortagem: É verdade: Nina Rodrigues até que tentou / Aprender a tocar Berimbau no Pelô / Não consegui e se sentiu inferior, pô!

Médico: “*Só sai aquele barulho, pu, bu, bu – pu, bu, bu – pu, bu, bu!*”

Simples Rap`ortagem: E se você soubesse que esse pu, pu, pu / É também uma forma antiga / De mandar tomar no ... ah.. banho de conhecimento.

Médico: “*É uma coisa que precisa ser desmistificada*”

Simples Rap`ortagem: A história que não foi contada. / Os pais da Medicina, Arquitetura e Engenharia / Foram os Africanos. / Os pais da Matemática, Química, quem diria / Foram os Africanos. / Parece um absurdo o que a Simples Rap tá falando. / Certamente ele tá duvidando / Mas há 5000 anos antes de Cristo já se via⁵

Neste belo entrelaçamento feito por Jorge, buscando a partir da fala do médico construir seu discurso de repúdio à declaração do mesmo, “minando” sua forma de subalternizar o imenso e rico universo simbólico que compõe a relação do Berimbau com outras formas de elaborações musicais, está toda a força pujante de reação africano-brasileira, pois tocar o berimbau e ouvi-lo:

É viver uma experiência de linguagem indizível, que solicita a relação interdinâmica, interpessoal viva, cujo vigor existencial e conteúdo emocional mobilizam princípios de sociabilidade, temporalidade e espacialidades lúdico-estéticas próprias da civilização africana recriadas na diáspora. (LUZ, 1998: 01)

Mais uma vez, vemos o quanto esta resposta-análise da Simples Rap`ortagem corrobora com autores-teóricos os quais são a sustentação deste tear, que levantam, criam, produzem novas epistemologias, que inaugurem elaborações que partam do princípio inaugural dos povos africanos.

⁵ Música Resposta, do grupo Simples Rap`ortagem: <http://www.youtube.com/watch?v=WB9-CGcVDAQ>. Acesso em 28/08/2011.

Ana Célia da Silva, Henrique Cunha Junior, Narcimária Correia do Patrocínio Luz, Marco Aurélio Luz, Kabenguele Munanga, Neuza Santos Souza, Magnaldo Oliveira dos Santos, são os que, dentre tantos outros, edificam o saber africano e africano-brasileiro nos espaços acadêmico-científico, na busca de uma afirmação desses saberes a partir da estruturação de uma epistemologia africano-brasileira, afirmando seu espaço de saber importante para as futuras gerações comprometidas com o educar que respeite a ética da coexistência.

Para repensar o papel da Educação neste processo de afirmação, precisamos de educadores-pesquisadores que mergulhem a fundo no encantamento da pluralidade cultural, elaborando epistemes africano-brasileiras e indígenas, tecendo redes de saberes que se entrelacem em si mesmas e em outras redes, outros trançados que compõem nossa pluralidade cultural. Isso é tarefa mais que importante para qualquer educador, pois abrir a porta do saber, respeitando o “plural brilhar do ser”, é “alimentar emoções que signifiquem a elaboração de uma ética do futuro que realmente contemple as existências comunais da nossa população” (LUZ, 2008: 06).

Esta palavra criativa, elo de ligação dos nossos educandos com seus princípios e valores comunais, no nosso trabalho artístico pedagógico também ganha corpo na Literatura de Cordel, na qual nós e nossos educandos, recriamos as formas de anunciar e afirmar nosso *continuum* civilizatório, expressando através da oralidade e do seu registro, o contexto político e a riqueza do imaginário/simbólico africano-brasileiro.

Inspirado na dinâmica poética de Inácio da Catingueira, Antonio Vieira – Natural de Santo Amaro da Purificação, Zé Limeira, Cuíca de Santo Amaro, Zé da Luz, elaboramos “cordéis banhados em dendê”, para enriquecer nossas interações pedagógicas e levantar um “novo Quadro Negro” no campo da Educação. Este “cordel banhado em dendê” estimula a Produção Poética dos nossos educandos, nas quais eles afirmam com certa ousadia as formas de elaboração do legado africano-brasileiro que permeiam toda sua existência, na sua criação nas comunidades, nos shows de Rap que acompanham, nas lições que recebe dos mais velhos, nos recitais de cordel e poesia que acontecem nos saraus da periferia – como o Sarau da Onça⁶. O simples fato de marcar o cordel baiano, desenvolvido principalmente no litoral e recôncavo, como “banhado em dendê” já marca o território, anuncia o quanto este vem rico de sinais da cultura baiana – recôncavo e sertão -, configurando-se em nova “forma cordelística” em relação ao cordel produzido no Nordeste afora.

Para Farias (2006: 36), a força da *codificação oral* da cultura dos diversos povos que compõem as redes de aliança do Brasil, desperta um processo educativo rico:

⁶ Sarau poético organizado pelos jovens da Comunalidade Sussuarana, em Salvador/BA, que (re) elabora valores comunais por meio da poesia.

O exercício da codificação oral de princípios culturais, estabelecido através das histórias dessas sociedades, se constitui em um princípio educativo primeiro, gerando, assim, um arcabouço acumulado de saberes norteadores das ações dessas sociedades.

A Literatura de Cordel, plural e singular, desenvolve novas formas de se apresentar a partir da sua relação com o meio, com os elementos que constituem *comunalidades*, redes de aliança que entrelaçam elementos constituintes do atual.

Um cordel que se configura neste instrumento de afirmação de identidades, que elaboramos pensando na aplicação da Lei 10.639/03, foi o cordel “Um cantinho da África encantada em Salvador/BA - 100 anos de Ilê Axé Opô Afonjá” (BAHIALISTA, 2010). Neste, buscamos entrelaçar a riqueza do saber ancestral que pulsa e vive “*desde dentro para desde fora*”⁷ do Terreiro Ilê Axé Opô Afonjá (Salvador/BA) através da “Poesia de Cordel”!

Cordel banhado em dendê /
Te convida a pendurar
Todo seu imaginário /
Sua força e seu encantar
Nesse pedacinho da África /
Que começarei a versar

As Religiões tão belas /
De Matriz Africana
Sempre nos ensinam a cuidar /
Da Natureza tão bacana
O único verde de lá /
Está no belo “**Afonjá**”
Nessa Salvador tão insana

Mestre forte é **Mestre Didi** /
Que trouxe nos seus contos
Todo encanto dos orixás. /
Para as aulas, mais pontos
Trazendo o mundo mítico /
Africano em seus recontos

Como uma missão dada /
Pra mim é missão cumprida
Saio mais leve dos versos /
Dessa escrita merecida
Pois **Afonjá** vive pra dizer /
Como é que faz pra viver
Nessa vida tão sofrida

Oke Arô e aquele **Axé** /
Para todo ser vivente
Do **Orum** e do **Ayie** /
Que vive tão plenamente.
Usem esse Cordel no educar /
Para assim logo acabar,
Com intolerância indecente.
(BAHIALISTA, 2010)

⁷ Proposta metodológica de pesquisa que constitui referências de trabalhos de pesquisadores como Marco Aurélio Luz e Marcio Nery de Almeida, integrantes do PRODESE – Programa de Pesquisa Descolonização e Educação / CNPQ/ UNEB, coordenado pela Prof^a Dr^a Narcimária Correia do Patrocínio Luz.

Arriscar-se na viagem pó-ética do ser, nessa busca pela palavra sensível que enalteça o mundo africano-brasileiro que rege as redes de alianças das diversas “Áfricas” que aqui existem, nos seus santuários, é uma forma de trazer o legado africano-brasileiro para o contexto educacional, levando as lições e saberes do mundo imaginário, simbólico que sustenta essas elaborações de mundo. É nesta perspectiva que buscamos, através das linguagens lúdico-estética, do Rap e do Cordel, trazer nossos educandos para o mundo encantado do saber que abraça o “plural brilhar do ser”, das *comunalidades*.

A forma espontânea, humilde e por essência linda, é um dos grandes fatores pelo qual a Literatura de Cordel tem essa grande popularidade. Uma linguagem tão próxima da oralidade nordestina, simples, mas ao mesmo tempo de uma complexa forma poética bem elaborada e cheia de sabedoria. É através dele, nas nossas interações pedagógicas arte-educativa na comunidade Sussuarana, na Boca do Rio e nos canteiros de obra do SESI – Serviço Social da Indústria, que diversas *comunalidades* estão marcando o seu território e cantando sua aldeia, como diria o nosso saudoso cordelista baiano, Antônio Vieira.

E as crianças, os Jovens e os Adultos, a partir dos estímulos lúdico-estéticos do Cordel e do Rap, nas oficinas artístico-pedagógicas que, através de dinâmicas de aproximação com essas linguagens junto a pessoas da própria comunidade, é que começam a arriscar o direito de dizer a sua palavra, sua forma de *ser/estar com* (MAFFESOLI, 2007). Nestas palavras, revelam o que aprenderam sobre as elaborações de mundo africano-brasileiro e sobre este legado durante as interações didático-pedagógicas nestas oficinas, como podemos ver nos versos criados pelos jovens e adultos do bairro Sussuarana⁸:

Como é linda a minha Bahia /
Que tem o acarajé
E que tem a capoeira /
Tem lagoa do Abaeté
Que tá cheia de mulher /
Tem o bom samba no pé

Tem lá no samba-de-roda /
Essa dança, capoeira
Tem o grande mestre Bimba /
Gosta de passar rasteira
E quem fala demais /
Fala é muita besteira

Dos confins da África /
Berço da civilização
Arrancaram homens e crianças /
Que atravessaram o marzão
Os negros aqui chegaram /

⁸ Sussuarana é sub-dividida em três comunidades: Velha Sussuarana, Nova Sussuarana e Novo Horizonte. Moradores mais antigos alegam que Sussuarana já fez parte do Quilombo do Cabula, um dos grandes Quilombos da Bahia, nas proximidades do Beirú e Mata Escura.



Figura 1 – Desenhos dos educandos da EJA em Sussuarana, para a capa dos seus cordéis.

Podemos ver nessas estrofes que levantar novas epístemes africanas a partir das linguagens lúdico-estética da Arte – neste caso, o Rap e o Cordel –, no contexto educativo, estimula de forma incrível a curiosidade, o interesse pelo enaltecimento do que é belo no mundo africano-brasileiro.

CONSIDERAÇÕES FINAIS – O EDUCAR TRANÇANDO-SE E TORNANDO-SE NEGRO

Acreditamos que, através de uma educação pluricultural, que siga a perspectiva de levante de novas elaborações de saberes fincados na vida, arte e cultura africano-brasileira e suas inter-relações, suas re-elaborações através de outras linguagens, se enalteça os aspectos da beleza africana e indígena que também compuseram as marcas desse país. Que isso seja a meta a ser alcançada, ainda hoje, depois de 08 anos de aplicação da Lei 10.639/03. O combate ao racismo na educação é necessário e urgente, pois:

À medida que a criança negra e a criança branca aprendem o verdadeiro significado histórico-cultural desses povos (africanos e aborígenes) ela vai deixar de ser uma criança racista, e o objetivo da lei é melhorar as relações interétnicas. Melhorar através de quê? Através do conhecimento e reconhecimento da verdadeira história e cultura desses povos (SILVA, 2005).

⁹ Cordel fruto de um belíssimo trabalho pedagógico pluricultural e de respeito à Arkhé dos seus aprendizes, o qual somos parceiros nas intervenções artístico-pedagógicas de intercâmbio com os saberes da comunalidade de Sussuarana, na Unidade Escolar da Rede Municipal de Ensino de Salvador Novo Horizonte.

Analisar, a partir do contato com outras elaborações lúdico-estéticas das linguagens artísticas e com epistemes construídas por diversos autores que compõem as novas contemporaneidades é afirmar a importância cultural africano-brasileira na formação dos jovens, adultos e crianças das comunidades.

No espaço constituinte de elaborações de mundo, redes de alianças que se configuram no existir dos nossos educandos é que se “rebenta” a *arkhé*, o princípio inaugural que deve entrelaçar saberes, a saber: a Educação que ensine a condição humana (Morin, 2000), que restitua a responsabilidade moral e que teça laços de aprendizados mútuos que configuram saberes comuns. É neste processo que nossos educandos podem recriar novas formas de anunciar e afirmar seu *continuum* civilizatório, legado ancestral que pulsa até hoje nas *comunalidades* que vivem.

Sobre a noção de *arkhé*, analisemos as contribuições de Narcimária Correia do Patrocínio Luz (1999, p.49):

[...] palavra de origem grega que se refere tanto a origem quanto ao devir, futuro, princípios inaugurais, que estabelecem sentido, força e dão pulsão as formas de linguagem estruturadoras de identidades; princípio, começo-origem; princípio recriador de toda experiência; gênese.

Encaramos tal dinâmica como processo fundamental que constitui o campo fértil do trabalho educativo com as diferenças, promovendo a ética da coexistência, a educação do futuro, pois se a humanidade não repensar o caminho que trilhou e não delinear novos horizontes, o que será da nossa espécie, do mundo, do planeta, se cultivamos o “descaminho em direção ao outro”?

Chega o momento de arriscar. Devemos apostar todas as fichas no sentimento de pertencimento, de vínculos sociais, assumir todo o risco, criar possibilidades de construção de novos significados. É como se diz no dito popular: “é tudo ou nada!”.

Todo Risco

*“A possibilidade de arriscar /
É que nos faz homens. /
Voo perfeito/
No espaço que criamos. /
Ninguém decide/
Sobre os passos que evitamos.
Certeza de que não somos pássaros/
E que voamos.
Tristeza de que não vamos /
Por medo dos caminhos”.*

Damário DaCruz

REFERÊNCIAL TEÓRICO

ALMEIDA, Márcio Nery de. **Viver a comunalidade na escola: Para além das habilidades e competências do Currículo Escolar**. Dissertação de Mestrado apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Educação e Contemporaneidade da Universidade do Estado da Bahia UNEB; Salvador, 2007.

AMARAL, Firmino Teixeira de. **A Peleja de Cego Aderaldo com Zé Pretinho**. Fortaleza: Ed. Tupynanquim, 2002

BAHIALISTA, Sérgio. **O Buraco na pança da Sussuarana**. Salvador: mimeo, 2006

BAHIALISTA, Sérgio. **Um cantinho da África encantada em Salvador/BA - 100 anos de Ilê Axé Opô Afonjá**. Salvador: mimeo, 2010

BRASIL. **Diretrizes Curriculares Nacionais para a Educação das Relações Étnico-Raciais**. Seppir. Brasília: DF, 2004;

BRASIL. **Educação Anti-racista: caminhos abertos pela Lei Federal nº 10.639/03**. Brasília: Ministério da Educação, Secretaria de Educação Continuada, Alfabetização e Diversidade, 2005;

COSTA, Antonio Carlos Gomes da. **Aventura Pedagógica: caminhos e descaminhos de uma ação educativa**. 2 ed. Belo Horizonte: Modus Faciendi, 2001;

FARIAS, Carlos Aldemir. **Alfabetos da Alma: histórias da tradição na escola**. Porto Alegre: Sulina, 2006.

FREIRE, Paulo. **Política e Educação**. São Paulo: Cortez, 2001;

HILTON, Jorge. **Quadro Negro - CD Quadro Negro. Simples Rap`ortagem**. Salvador: mídia, 2005.

HILTON, Jorge. **Resposta - Simples Rap`ortagem**. Salvador, 2005. <http://www.youtube.com/watch?v=WB9-CGcVDaQ>. Acesso em 28/08/2011.

JUNIOR, Henrique Cunha. **Tecnologia Africana na formação brasileira**. Rio de Janeiro: CEAP, 2010.

LUZ, Marco Aurélio. **Cultura negra em tempos-pós-modernos**. Salvador: EDUFBA, 2008

LUZ, Narcimária Correia do Patrocínio. **Abebé: a criação de novos valores na Educação**. Salvador: Edições Secneb, 2000 (Coleção Comunitatis Mundi).

LUZ, Narcimária Correia do Patrocínio. **Awasoju: dinâmica da expansão existencial das diversas contemporaneidades**. Revista da FAEEDA, Salvador, UNEB, nº12, p.45-74, 1999.

LUZ, Narcimária Correia do Patrocínio. **O reencantamento do mundo: perspectivas de análise para a compreensão do nosso tempo**. Salvador, UNEB, 2008.

MAFFESOLI, Michel. **Elogio da Razão Sensível**. Petrópolis: Vozes. 1998.

MAFFESOLI, Michel. **No fundo das aparências**. Petrópolis: Vozes, 2005.

MAFFESOLI, Michel. **O Conhecimento Comum: introdução à Sociologia Compreensiva**. Porto Alegre: Sulina. 2007.

QUEIROZ, Amarino Oliveira de. **Ritmo e Poesia no Nordeste Brasileiro: Confluências da Embolada e do Rap**. Dissertação de Mestrado apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Literatura e Diversidade Cultural da UEFS

SANTOS, Deoscoredes M dos, LUZ, Marco Aurélio. **O rei nasce aqui – Oba Biyi, a educação pluricultural africano-brasileira**. Salvador: Fala Nagô, 2007.

SANTOS, Idelette Muzart Fonseca. **Memória das Vozes: Cantoria, romanceiro & cordel**. Salvador: Secretaria da Cultura e Turismo, Fundação Cultural do Estado da Bahia, 2006.

SANTOS, Olga de Jesus. **“O povo conta sua história”**. In: O cordel: Testemunha da história do Brasil. Rio de Janeiro, Fundação Casa de Rui Barbosa, 1987;

SILVA, Ana Célia da. **A Discriminação do negro no livro didático**. Salvador, EDUFBA/CEAO, 1995;

SILVA, Ana Célia da. **Entrevista sobre a lei 10.639/03, Pluralidade Cultural e Livro Didático**. Salvador, Bahia: 2005;

SODRÉ, Muniz. **A verdade seduzida: por um conceito de cultura no Brasil**. Rio de Janeiro: DP&A, 2005.

SOUZA, Neuza Santos. **Tornar-se Negro: as vicissitudes da identidade do negro brasileiro em ascensão social**. Rio de Janeiro: Edições Graal, 1983.

SILVA, Sérgio Ricardo Santos da. **Cordel: Um corpo versado espetacular, cavalgando do sertão para a Sussuarana. A Literatura de Cordel na formação da Cidadania de jovens da comunidade Sussuarana**. In SEMENTES, Caderno de Pesquisa, v.VI, p. 127-135. Editora UNEB, Salvador, 2005.

<http://www.noticiario-periferico.com/2007/10/biografia-da-semana-sobre-uma-das.html>.

Acesso em 28/08/2011.